

## A RESPOSTA DE SARNEY

meiro, nós não vamos ter crise cambial, que é o que deflagra a hiperinflação; segundo, nós não vamos ter recessão, porque eu também não quis fazer recessão neste país; terceiro, nossa indústria cresceu, no mês passado, 5,5, o que só tinha, ocorrido em 1987. Nossas reservas cambiais são as maiores da História do Brasil. No mês passado tivemos 2 bilhões e 200 milhões de dólares para isso.

Não há hiperinflação sem que você tenha uma crise cambial e sem que você não tenha o descontrole das finanças públicas. E nós estamos com as finanças públicas dentro dessa parte controlada como acabei de lhe dizer. São esses os números. Agora, há gente interessada em fazer propaganda da hiperinflação.

**Como é que o senhor vê a sugestão dos partidos políticos, alguns partidos políticos, de já estabelecerem um contato com a sua equipe para que a transição se faça de uma maneira mais suave. Uma junção de partidos junto com o Governo a levar essa fase de transição a bom termo? O senhor aceitaria esse tipo de colaboração?**

Eu tenho sido quem mais neste País tem definido a necessidade de um pacto. Eu sempre visualizei, desde o princípio, quando assumi a Presidência, que o grande caminho da transição democrática teria sido o caminho de um pacto social, da união de todos. Lutei por isto. Tenho lutado, várias vezes tenho tentado. E infelizmente não consegui. Mas no momento em que ele quiser aparecer, eu acho fantástico, eu acho extraordinário. Todas as democracias modernas são compactuadas. Elas têm conseguido vencer dificuldades através de pactos.

**Presidente, eu vejo o senhor tão apaixonado, tão intencionado, tão querendo resolver os problemas desse País, de alguma forma o senhor vai deixar isto tudo meio manco. O senhor se candidataria a Presidente, em uma outra oportunidade?**

Eu nunca mais vou me candidatar. Não desejo me candidatar a nenhum posto eletivo.

**Presidente, eu gostaria de falar com o senhor, agora, sobre o nosso País. O brasileiro sempre foi considerado um otimista, que afinal Deus era daqui. Mas não é mais, Presidente. O brasileiro, hoje, vive sem esperança, sonha com migrar para outros países, não acredita no governo, recusa obras polêmicas como a Norte-Sul, e culpa o senhor por tudo isto. Que país é este que o senhor vai entregar ao seu sucessor em março próximo?**

Em primeiro lugar, eu acho essa visão, essa análise não corresponde à realidade. Nós temos dois Brasis — eu tenho testemunhado muito

bem isto. Primeiro um Brasil nervoso, das grandes cidades, este Brasil que está cheio de tensões, este Brasil que repercute a mídia. Tem outro Brasil que está aí crente no que ele representa. Um Brasil confiante, um Brasil de esperança.

O Brasil que nós vamos entregar ao nosso sucessor é um Brasil que passou a ser um Brasil que produz 40 por cento a mais da sua produção agrícola em quatro anos, que nenhum país do mundo fez isto, nós com 70 milhões de toneladas de grãos por ano. Um país que é hoje a terceira democracia do mundo, com mais de 70 milhões de eleitores. Um país que tem mais liberdade de que qualquer país do mundo. Um país no qual o Presidente da República vem aqui e ouve de vocês as perguntas que eu ouvi agora.

**E este o país que eu vou entregar ao meu sucessor. Um país no qual o Presidente não perseguiu ninguém.**



**“Nós fizemos 1.371 punições. Nenhum Governo fez tanto esforço contra a corrupção. Fui eu quem mais demitiu”.**

O Presidente nunca foi menor em nada. Não procurou silenciar ninguém. Não procurou perseguir adversários. Um Presidente que restaurou as eleições diretas. Um Presidente que acabou com a segregação político-ideológica do País. Um Presidente que chegou, naquele dia, e recebeu de todas as políticas, de qualquer ideologia. Nos primeiros dias levei Giocondo Dias para jantar comigo no Palácio. E lamento, até hoje, a sua morte, um grande brasileiro. Levei João Amazonas. Acabei com aquele problema que se tinha aqui de preconceito por razões ideológicas.

Um Presidente que restaurou a liberdade total no País. Que presidiu quatro eleições dentro do maior

exercício da democracia. Um Presidente que conseguiu que a sociedade se organizasse. Estão aí as representações de bairro, distribuindo benefícios com os programas sociais, todas elas participando. Estão aí as microempresas que foram criadas no Brasil inteiro.

Enfim, é este Brasil que nós vamos entregar. Diferente do que eu recebi. E mais ainda, um Brasil que tem hoje as maiores taxas mundiais de exportação. E um Brasil que se diz que não cresceu, mas que cresceu. Na América Latina foi o país que mais cresceu nesses quatro anos. Então, onde é que ele estagnou? Nós crescemos 4,3 em média. Chegamos, em dois anos, a crescer mais de 8 por cento. Isso ficou incorporado à economia brasileira.

Então, o problema que nós temos é um problema político. Não é um problema do Brasil, é um problema político. E esse problema tem que ser resolvido. E para ser resolvido tem que ser resolvido pelos políticos, com o apoio dos políticos, porque eu devo dizer o problema fundamental meu é que nas horas das dificuldades, para nós executarmos o grande programa que tínhamos que executar, a minha base política me abandonou. E me abandonou pensando que me abandonava, mas o que abandonou foi o Brasil. Nos jogou nessas dificuldades que nós passamos a atravessar.

Esse é que foi e é o grande problema. E como eu disse, não serão os economistas que irão resolver. Não tem nenhum plano mágico. Serão os políticos que irão resolver na hora em que estabelecerem com a sociedade um pacto de união de todos. Daí porque o político que chegar aqui dizendo que vai resolver o problema nacional no futuro mandato sem unir o Brasil, ele não vai conseguir. Vai enganar o povo, vai fazer demagogia durante a campanha. Temos que ter uma proposta, saber como nós vamos resolver os problemas da crise do Estado brasileiro. E para isso tem que ter unidade, tem que ter união. Sem esta união do Brasil nós não resolveremos os problemas políticos. Eu resolvi o problema das instituições democráticas. Tive a paciência. Eu tive o espírito público de aceitar tudo isto para que nós chegássemos à transição democrática concluída. E o futuro Presidente terá de ter capacidade de unir o Brasil para fazer essas reformas que são necessárias, e não se faz sem essa unidade, sem esse pacto e sem o apoio da sociedade. E essa a mensagem que eu deixaria, finalmente, da minha experiência como Presidente da República.